

REFLEXÕES SOBRE AS VIOLÊNCIAS E AS DIFERENÇAS NO CONTEXTO ESCOLAR UTILIZANDO ANIMES

REFLECTIONS ON VIOLENCE AND DIFFERENCES IN THE SCHOOL CONTEXT USING ANIMES

Rebecca Moura de Almeida Ferreira Carvalho¹

Vera Lúcia Trevisan de Souza²

RESUMO

Esse artigo relata intervenções no contexto escolar que objetivaram reflexões com estudantes, de forma coletiva e colaborativa, sobre temáticas emergentes da vivência da Covid-19 em especial as violências e as diferenças. Foram utilizadas como materialidades mediadoras no trabalho do psicólogo escolar os animes, animações japonesas, com estudantes do 6º, 7º e 8º anos do Ensino Fundamental (Anos Finais) de uma Escola Estadual no interior de São Paulo. Como resultados, observamos que o trabalho com essas materialidades, concomitante com atuação da psicologia escolar, conseguiu ajudar os adolescentes a pensar novas formas de entender e elaborar os conceitos e vivências sobre a violência e seus desdobramentos. O trabalho também corroborou a importância da atuação integrada no contexto escolar, acreditando que o conhecimento, através de um trabalho integrado e multidisciplinar, possibilita, ressignificação e mudança, buscando a construção do pensamento crítico e da desnaturalização das desigualdades, violências e injustiças sociais favorecendo assim o desenvolvimento.

Palavras-chaves: Psicologia Escolar; Violências; Animes

ABSTRACT

This article reports interventions in the school context aimed at fostering collective and collaborative reflections among students on emerging themes related to the experience of Covid-19, particularly focusing on violence and differences. Animes, Japanese animations, were used as mediating materials in the work of the school psychologist with 6th, 7th, and 8th-grade students at a State School in the interior of São Paulo. As a result, we observed that working with these materials, alongside the school psychology intervention, helped adolescents to develop new ways of understanding and processing concepts and experiences related to violence and its ramifications. The work also supported the importance of integrated action in the school context, believing that knowledge, through integrated and multidisciplinary work, enables redefinition and change, aiming at fostering critical thinking and denaturalizing social inequalities, violence, and injustices, thereby favoring development.

Keywords: School Psychology; Violence; Animes

¹Doutoranda e Mestra em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), possui graduação em Psicologia pela Universidade Veiga de Almeida (UVA/RJ). E-mail: rebeccaferreira@gmail.com.

² Docente e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia e do curso de graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). E-mail: vera.trevisan@uol.com.br.

INTRODUÇÃO

A imaginação, na perspectiva da Psicologia Histórico-cultural, tem base nas experiências e no desenvolvimento de funções psicológicas superiores do sujeito. A imaginação é fundamental, para as informações do meio serem significadas ou acessadas pelo sujeito, compondo o repertório de suas experiências sendo assim primordial para o desenvolvimento (Pott, Neves, Souza, 2018; Souza, Arinelli, 2019).

As experiências são diferentes para cada sujeito independente do contexto externo ser o mesmo. Para além do contexto, Vigotski (2010) pontua que essas diferenças ocorrem, de formas diversas para cada faixa etária, ao depender do nível de conhecimento da realidade e das possibilidades de significação e atribuição de sentido. Pott et al. (2022) pontuam que, quanto mais desenvolvidas as funções psicológicas superiores, entre elas a imaginação, maiores as possibilidades de o sujeito acessar outras realidades e se projetar no futuro.

Pensando na escola, o processo de escolarização é fundamental nesse processo. A educação formal auxilia o sujeito a adquirir conhecimento que ajudará a imaginação a se ampliar e complexificar, possibilitando aos estudantes acessarem novas experiências, a partir de conteúdos aprendidos ou transmitidos.

Essa importância da educação se perpetua do decorrer do desenvolvimento e do avanço das funções psicológicas. Quando os sentimentos e as emoções começam a interferir em como aprendemos a realidade, por exemplo, ocorre um intenso vínculo entre imaginação, emoção e pensamento. De acordo com Pott et al. (2022), em concordância com Vigotski (2014), as bases afetivas são o caminho para compreender como a imaginação se constitui e atua em cada sujeito. Como atuantes do contexto escolar, quando entendemos como o conteúdo da imaginação, e o novo se formam a partir de associação e dissociação dos elementos da realidade, conseguimos entender como a natureza da imaginação e assim como transgredir o que está dado, não aceitando a realidade como se apresenta, e sim criando condições para um futuro possível (Arinelli, 2022).

A Covid-19 trouxe impactos nas mais diversas áreas do país. No mês de março de 2023, época em que ocorreu as intervenções desse trabalho, o Brasil tinha registrado 662.610 mortes

por Covid-19, sendo 168.000 no estado de São Paulo, e 5.064 na cidade em que a escola está situada (Ministério Da Saúde, 2023). Porém, para além da doença e das mortes, a pandemia deixou as crianças e adolescentes mais vulneráveis à violência (Agência Câmara De Notícias, 2022). Nesse período houve o aumento a quantidade de denúncias de atos violentos junto aos Conselhos Tutelares em 50%, além de a maior parte dos crimes (entre eles violência sexual, feminicídio, crimes letais) acontecem dentro da residência dessas crianças e adolescentes (Fórum Segurança, 2021; Instituto Geração Amanhã, 2021).

Pensando na realidade do contexto escolar brasileiro, nas vivências do Covid-19, na potência da educação e do processo escolarizado para o desenvolvimento dos estudantes acreditamos ser necessário investir na imaginação e nas emoções para elaboração das diversas temáticas que esse período trouxe. Esse artigo relata intervenções que buscaram criar estratégias que possibilitem a reflexão entre todos esses sujeitos do contexto escolar, a partir das emoções e da imaginação, sobre as temáticas das violências e das diferenças acreditando na potência de práticas psicológicas coletiva e colaborativas.

Julgamos necessário um aprofundamento teórico sobre nosso entendimento de educação, psicologia escolar e apontamentos sobre a violência nesse contexto. A seguir buscamos trazer essas colocações seguindo de nossa metodologia e resultados.

1. EDUCAÇÃO, PSICOLOGIA ESCOLAR E VIOLÊNCIA

A Educação Básica no Brasil tem como finalidade “desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores” (Art 22, BRASIL, 1996), sendo composta por Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Fazendo um recorte com os níveis de ensino o qual essa pesquisa se propõe, A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB - 9.394/96), normatiza que os objetivos do Ensino fundamental, devem buscar a formação básica do cidadão, a fim de:

- I - O desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;
- II - A compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;
- III - O desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;
- IV - O fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social. (Art 32, Brasil, 1996).

Observamos assim que a LDB estabelece que a escola tem uma função formadora para além dos conhecimentos científicos formais, constituindo um papel social e integral, que envolve o contexto, o cenário e as situações que cercam os estudantes. Logo, compreendemos, em consonância com a lei, que a educação abrange não só a aquisição do conhecimento, mas também uma formação de atitudes e valores, buscando um fortalecimento de solidariedade humana e compreensão cultural e social. Esse papel não se limita apenas ao professor na sala de aula, mas a todos os atores do contexto educacional, incluindo psicólogos.

A Lei nº 13.935, de 11 de dezembro de 2019, dispõe os serviços da psicologia e do serviço social nas redes públicas de educação básica, e descreve que as redes públicas de educação básica devem contar com serviços dessas duas áreas, compondo equipes multiprofissionais. Os profissionais devem “desenvolver ações para a melhoria da qualidade do processo de ensino-aprendizagem, com a participação da comunidade escolar, atuando na mediação das relações sociais e institucionais” (Art 1, Brasil, 2019).

A proposta da lei trouxe um avanço na efetiva implementação da educação de forma coletiva e integrada com todos os atores. Ao instituir psicólogos e assistentes sociais na escola, a educação caminha de forma mais estruturada no fortalecimento da solidariedade humana, compreensão cultural, psíquica e social. Pensando no papel do psicólogo escolar e das relações coletivas, podemos relacionar aos apontamentos de Arinelli, ao entender que

A construção do pensamento crítico e da desnaturalização das desigualdades, violências e injustiças sociais em dinâmica com o passado, presente e futuro está intimamente associada ao aumento da capacidade de ação do sujeito e da formação do coletivo. Nos compreendermos no e com o mundo implica lançarmos mão de processos imaginativos que nos possibilitam ascender a

níveis mais complexos e abstratos de apreensão da realidade. (Arinelli, 2022, p. 61)

Ainda citamos os apontamentos de Souza (2016), ao dizer que

o psicólogo ‘não ensina’ na escola; ao contrário, ele aprende e apreende os sentidos e significados que circulam nas relações e ‘promove reflexão sobre eles, assumindo o papel de ‘mediador de afetos’, entendidos como modo de viver, sentir, perceber a realidade, utilizando-se de conhecimento, estratégias e técnicas apropriadas ao longo de sua formação. Seu objetivo não é a apropriação de conhecimento de conteúdos escolarizados, como no caso do professor, mas a ‘tomada de consciência’, pelos sujeitos, de suas condições de existência e de suas possibilidades de se assumirem como atores e autores de suas histórias. (Souza, 2016a; Souza; Petroni; Andrada, 2016)

Pensando nessas histórias de vida e vivências que atravessam os adolescentes, é importante ressaltar o contexto escolar e como essa escola é apresentada aos sujeitos. De acordo com a o Programa de Redução da Violência Letal (2012) realizada em conjunto com o UNICEF e a Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, as maiores vítimas da violência letal no país são os adolescentes moradores de favelas e periferias urbanas. Pensando na escola, a Violência Escolar afeta 246 milhões de crianças e adolescentes a cada ano incluído as diversas violências (física, psicológica, sexual e *bullying*) praticadas por estudantes, professores e outros funcionários (UNESCO, 2019).

Esses dados parecem refletir a perspectiva dos próprios adolescentes brasileiros. Em uma pesquisa desenvolvida pelo Conselho Federal de Psicologia (2015) com 329 alunos da região sudeste observou que, para os estudantes, a violência está presente em diversos momentos no contexto escolar. Além da hostilidade do professor em relação ao aluno, do autoritarismo e do despreparo, os estudantes pontuam a indignação e o sentimento de injustiça presente na escola. Eles identificaram na arquitetura opressiva e no preconceito que se revela na própria escola as dimensões da violência estrutural do contexto (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2015, P. 203,233).

Isso porque os problemas não são “da escola” ou “do aluno”, mas um reflexo da sociedade e das implicações que ela produz. De acordo com a UNESCO intervenções para

prevenir a violência escolar são mais efetivas quando há a participação dos jovens, demonstrando assim que, o “envolvimento dos estudantes como parceiros pode ajudar a promover as mensagens de combate ao bullying e à violência de um modo mais significativo” (UNESCO, 2019, p.44). Esses dados são congruentes ao trabalho da Psicologia Escolar frente a essa temática da violência entendendo que os psicólogos podem, entre outras ações,

criar **com** e **entre** os sujeitos institucionais um espaço de interlocução que privilegie, sobretudo, a intencionalidade nas ações e promoção da conscientização de **papéis, funções e responsabilidades** dos participantes das complexas redes que permeiam os contextos educacionais (Marinho-Araújo; Teixeira; Cavalcante, 2023, p. 23).

Tendo esses apontamentos de Marinho-Araújo como norteadores, e acreditando na potência do trabalho da psicologia escolar esse artigo descreve intervenções voltadas a discutir a violência. Este trabalho buscou descrever estratégias que possibilitem a reflexão entre todos esses sujeitos acreditando na potência de práticas psicológicas coletiva e colaborativas.

2. METODOLOGIA

Esse artigo, em formato de relato de experiência, é um recorte da dissertação de mestrado em Psicologia³ que teve como objetivo: Analisar a potência dos animes e dos mangás na mobilização de afetos e da imaginação de alunos do Ensino Fundamental (Anos Finais). Este artigo irá centralizar apenas intervenções voltadas para a temática da violência e das diferenças, porém o procedimento que relatamos foi utilizado em outras turmas com animes e mangás e intencionalidades diferentes.

A pesquisa é caracterizada como pesquisa-intervenção-arte (Souza, 2021) de natureza qualitativa e do tipo participativa, assumindo como aporte teórico-metodológico a Psicologia Histórico-Cultural. Esse tipo de metodologia acredita que o trabalho com a arte mobiliza

³ Mestrado de Carvalho (2023) Animes e Mangás Mobilizando Afetos e Imaginação na escola.

processos imaginativos e criativos ao consolidar identidades como possibilidades de ser e favorece a dialogia, o coletivo (Souza, 2021).

Assim, o procedimento abordado na construção dos dados foi feito de forma coletiva dentro da sala de aula. Após a escolha das materialidades pela psicóloga, aprovação do comitê de ética e organização de quais turmas, dias e horários seriam realizados, as intervenções, o procedimento foi elaborado em três momentos: Assistir o episódio, debate de cunho reflexivo e produções individuais. Todas essas etapas foram feitas no coletivo, dentro da sala de aula e convidando os estudantes interessados a participar.

As análises tiveram como base reflexões e produções feitas pelos alunos de três turmas diferentes utilizando o primeiro episódio de quatro animes diferentes. As turmas escolhidas, (após conversa com a gestão de modo que não afetasse o desempenho escolar dos estudantes) foram: uma turma do 6º ano, uma do 7º ano e uma do 8º ano. Cada turma tinha cerca de 35 alunos totalizando uma média de 105 alunos no total. As turmas do 7º e 8º tiveram a presença da professora que (por escolha própria) assistiu aos animes, e se manteve em silêncio nos debates, mas participou das produções livres. A professora do 6º ano preferiu se abster de participar de quaisquer atividades e se retirava da sala nos momentos em que a psicóloga iria realizar as intervenções.

Em relação aos animes escolhidos, todos buscaram auxiliar na reflexão sobre a violência e as diferenças. Foram eles: *Ousama Ranking* dirigido por Fuchigami e Hatta (2021) baseado no mangá de Tooka (2019); *Shiguang Dailiren* criado e dirigido por Haoling Li (2021); *Komisan wa Comyushoudesu*, dirigido por Kawagoe e Watanabe (2021) baseado no mangá de Oda (2016) e; *Boku no Hero Academia* dirigido por Nagasaki (2016) baseado no mangá de Horikoshi (2014). Para além dos animes, era oferecido o mangá (de forma online ou física quando disponível) para incentivar a leitura (quando fosse de interesse do aluno).

Além disso importa ressaltar que as escolhas das materialidades tiveram como base as demandas emergentes da vivência da Covid-19 após observações da psicóloga e do grupo de pesquisa na volta ao presencial. As demandas eram pontuadas pela gestão, professores, estudantes e pelos próprios psicólogos no contato diário com os todos os atuantes escolares. Para a escolha das obras foi utilizando as dimensões do “Procedimento norteador de práticas

psicológicas mediadas por expressões artísticas - PraPsi” buscando uma prática psicológica mediada pelas materialidades artísticas interligando a um “caminho e uma organização, de modo a não perder de vista os objetivos da ação, além de manter a clareza do que se procura com a pesquisa” (Carvalho, 2023, p. 81)

Em relação as considerações éticas, a dissertação a qual se vincula esse artigo, tem fundamento ético nas diretrizes e nas normas regulamentadas pela resolução 510/16, do Conselho Nacional de Saúde (CNS, 2016), no que diz respeito às pesquisas com seres humanos e foi aprovado pelo Comitê de Ética em pesquisas da Pontifícia Universidade Católica (PUC) Campinas. A pesquisa foi considerada como de risco mínimo, pelo fato de não utilizar procedimentos que exponham os sujeitos a situações adversas e diferentes das que vivenciam em seu cotidiano. Mesmo assim a pesquisadora teve o cuidado de que caso os sujeitos se sentirem fragilizados ou emocionalmente incomodados diante das atividades propostas a pesquisa poderia ser encerrada imediatamente, fato que não ocorreu.

3. RESULTADO E ANÁLISE

No anime *Ousama Ranking* o personagem principal, Bojji, é um príncipe surdo que sofre discriminação dos moradores e familiares de seu reino. As pessoas ao seu redor dizem que ele é incapaz de um dia ser rei, o considerando “fraco”. Ao decorrer do episódio observamos que ele não demonstra em público a dor que sente ao ser ridicularizado, e acredita que, apesar das percepções da comunidade preconceituosa, será o melhor rei de todos.

Após a apreciação desse anime em uma das intervenções com a turma do 8º ano

um dos alunos fala que se identificou muito [com o personagem principal]. “Assim como o personagem eu pensei que eu também não servia para nada, mas aí eu vi que sou bom em muitas coisas”. Eu pergunto porque ele achava que “não servia para nada”. Ele então diz que várias pessoas diziam isso para ele. A sala então reforça isso falando que pais e profissionais da escola também falavam que eles não servem para nada. (8º ano - DC Nº28, 14 de mar. de 2023)

Frases como essas refletem o tipo de educação que favorece mais o padecimento do que a potência de ação. Esse tipo de modelo de educação é marcado pela domesticação e pelo domínio mercadológico que destrói possibilidades de sujeitos autônomos e conscientes exercerem seu papel social (Guzzo, 2017). Concordamos com Souza (2009) quando afirma que a educação como prática social imersa na cultura, é sempre mediada por “outros” e promove sentido para os sujeitos em torno dos processos de construção e utilização de significados.

Assim, como o psicólogo escolar pode atuar frente a essa temática e a esse contexto?

Acreditamos que o psicólogo dentro da escola deve promover potência de ação através de um trabalho pautado por uma perspectiva crítica, que toma o sujeito como autor de sua história. Souza, Petroni e Dugnani (2014) pontuam que a escola cumprirá seu papel social quando conceber o desenvolvimento como superação da condição atual, vislumbrando a emancipação de seus sujeitos, que pode ser realizada por meio do coletivo.

A intervenção com o 8º ano descrita acima, buscou essa potência de ação voltado a repensar seu cotidiano vislumbrando a emancipação dos sujeitos por meio da intervenção coletiva. As produções abaixo, criadas por alunos diferentes, refletem esse posicionamento.

[Eu senti] Superação pois a atitude do príncipe supera bem além dos pensamentos das pessoal pessoas, provando que é possível vencer.
Eu achei legal quando o Bojii mostrou para as pessoas que era capaz de ser um excelente príncipe.
Eu senti uma motivação nesse anime! Muito legal “Superação”.
Eu senti uma motivação nesse anime!
Bom, eu achei muito interessante porque eu entendo. A gente não pode aceitar o que as pessoas falam de você ou sobre você. Nunca aceite ser menos.
(8º ano – Produções alunos DC Nº28, 14 de mar. de 2023).

Para além das percepções e sentimentos individuais escritas nas produções, o debate também permitiu adolescentes refletirem sobre a discriminação e os julgamentos que a sociedade tem sobre eles e pensando possibilidades de mudança.

No debate Senku fala que “Não podemos julgar um livro pela capa. Qualquer um pode ter uma evolução. Até os mais fracos podem se tornar poderosos”. Outros alunos complementam “Não precisa ser um grande destemido para ser um rei. Pode ser pequeno e ainda ser rei”. “Eu senti uma motivação nesse

anime! Muito legal” “Superação”. (8º ano – Transcrição e DC N°28, 14 de mar. de 2023).

Assim, as intervenções que realizamos utilizaram esse anime como uma forma de produzir reflexões que ajudaram os estudantes a repensar esse lugar imposto de “não servir para nada” que é colocado pelos outros e, assim criar, utilizando-se da imaginação, novas possibilidades visando a emancipação e a potência de ação.

Outro exemplo nesse mesmo movimento vislumbrando a emancipação, ocorrendo com o 7º ano. Após apreciação de um outro anime que mostrava o *bullying* vivenciado por um dos personagens (Personagem Midoriya de *Boku no Hero Academia*), um dos alunos fala que o *bullying* não é errado ou certo, ele depende

Se a pessoa que tá recebendo aceita ou não, se você tem intimidade ou não... É questão de respeito. Entre amigos pode, porque os amigos não podem levar para o coração, aí não é bullying é só brincadeira (7º ano – DC N°18, 13 de set. de 2022).

Nessa situação a psicóloga continuou o debate buscando fazer perguntas que tentasse uma reflexão de todos os alunos de forma coletiva e não só do aluno em questão. Será que o que é bom ou legal para você, é para todo mundo? Será que esse seu amigo consegue falar que não está gostando? Será que ele não poderia estar com medo ou vergonha? Perguntas como estas incentivaram outros alunos a se posicionarem e denunciar comportamentos de violência que sofriam. Eles tentaram argumentar com o aluno, no coletivo “nem toda brincadeira que você faz é brincadeira” e “as pessoas não são obrigadas a gostar e aceitar o que você faz com elas” denunciando atos em que se sentiram ofendidos ou atacados.

Posteriormente, alguns alunos vieram falar com a psicóloga, pois se sentiram confortáveis em denunciar o *bullying* que sofriam devido ao espaço criado para poderem se expressar, quando se sentiram seguros e apoiados pelo coletivo. Eles se identificaram com o personagem e o debate conduzido pela psicóloga os ajudou a se posicionarem (DC N°18, 13 de set. de 2022).

Em uma das intervenções feitas na escola registramos o caso do aluno Tanjiro, que por mais que pedisse a todos os profissionais que o chamassem pelo nome masculino, usavam apenas o nome feminino alegando como motivo que era o que constava em seus registros oficiais (Carvalho; Souza, 2023).⁴ Isso demonstrou uma dificuldade de entendimento/aceitação dos profissionais sobre a temática, além da dificuldade de expressão e interação de Tanjiro.

Observamos nessas situações as dificuldades dos atores do contexto escolar de se aceitar as diferenças e de expressar as emoções e sentimentos dentro desse contexto. É necessário um trabalho que integre todos os atores da escola, de forma multidisciplinar, buscando potência de ação a partir das reflexões dos sujeitos interligando suas experiências, contexto e emoções. O trabalho dentro da escola precisa considerar os estudantes como parte de uma sociedade, com sua história, trajetória de vida, desejos e receios. Acreditamos que os problemas não são “da escola” ou “do aluno”, mas um reflexo da sociedade e das implicações que ela produz. Corroboramos Souza (2016b) compreendendo que a escola só encaminha para superar os problemas, os dilemas e as dificuldades, com o trabalho em conjunto com outros profissionais e demais setores da sociedade.

Os problemas que emergem na escola não têm nela sua raiz – ao contrário, nascem, crescem e fortalecem em diversos setores da sociedade em inúmeras interações e relações frutos de ações e inações das famílias, do sistema de ensino, do sistema econômico, da organização social, dentre outros. A questão é que na escola, esses problemas se materializam e se potencializam, produzindo condições muitas vezes impedoras de desenvolvimento de crianças, jovens e adultos (Souza, 2016b, p. 78)

O contexto político na época, por exemplo, posicionava-se com frases homofóbicas, demonstrando não só a dificuldade de aceitar as diferenças, mas a ignorância, o preconceito e as barreiras para aqueles de posicionamento ou orientações diferentes de certa norma cultivada pela direita. O próprio presidente do país se utilizava de termos pejorativos, como “boiola”, e

⁴ O nome do aluno foi trocado para manter o sigilo. O caso foi registrado na íntegra no artigo disponível em Carvalho e Souza (2023).

afirmava que a linguagem neutra, “estimula a molecada a se interessar por essa coisa. Vai estragando a garotada” (G1, 2011, 2020; O Globo, 2021).

Assim, ao invés de culpabilizar os adolescentes que praticam o *bullying*, ou os professores que não aceitam a transexualidade ou os adultos que dizem que os adolescentes eles “não servem para nada”, é importante criar estratégias dentro da psicologia escolar que possibilitem a reflexão de forma coletiva entre todos esses sujeitos. Mostrar aos adolescentes e profissionais da escola, por exemplo, que existem outras formas de refletir sobre a questão dos pronomes e da sexualidade. A linguagem neutra, como nesse exemplo do caso de Tanjiro, é defendida por movimentos LGBTQIA+ para que a fala e a escrita promovam maior inclusão. O educador popular Laerte Breno, coordenador do pré-vestibular UniFavela e morador da favela Salsa e Merengue reforça que

A língua não é adotada como um direito, mas sim como um privilégio. Um as pessoas vão ter; outras, não. O debate sobre política, raça, gênero e classe na favela ainda só chega a uma pequena parcela da população. Acredito que a língua é um instrumento de poder. Sendo assim, nem todo mundo tem acesso a ela (Mareonline, 2021).

Fazer um trabalho interdisciplinar sobre a temática da transexualidade e da linguagem neutra interligando a matéria de língua portuguesa, geografia e história, por exemplo, possibilitaria uma reflexão e apropriação de conceitos científicos a partir da realidade sobre essa temática. Além disso, mostrar os motivos por trás das ações e movimentos sociais, refletir no coletivo com os adolescentes, e trazer informações os ajuda a conhecer seu contexto e pode resultar em potência de ação. Acreditamos no potencial dessas parcerias para a promoção da educação como prática social na escola. Concordamos com Souza, Petroni e Dugnani (2014) quando afirmam ser por meio das parcerias com educadores que se torna possível “construir uma ação crítica, posicionada politicamente e engajada com as metas de promoção do desenvolvimento de crianças, de jovens e dos profissionais que nela atuam”. (Souza et al., 2014, p. 51).

Em uma das intervenções, utilizando o anime *Komi san wa Comyushou desu*, o debate trouxe uma reflexão sobre exclusão e dificuldade de comunicação no ambiente escolar. A

produção criada, por uma das adolescentes após esse debate retrata uma história em quadrinho pensando em novas formas de expressão. Ao perguntar sobre o nome da personagem principal, “Mel” que muda para “Lua” no meio da história, a adolescente fala que foi proposital. O nome muda quando a personagem encontrou alguém para ajudá-la a se comunicar. O quadrinho, criado em 8 quadros foi transcrito abaixo:

Quadro 1: Essa é a **Mel**, uma gatinha;
Quadro 2: Mel tem problemas para se comunicar com outros gatos;
Quadro 3: Mel sempre quis se comunicar e fazer amigos com outros, mas nunca conseguiu;
Quadro 4: Um gato que sempre passava por lá, viu ela e tentou se comunicar;
Quadro 5: Ele percebeu o que estava acontecendo e deu um lápis para **Lua**;
Quadro 6: Lua contou que não conseguia se comunicar pela ansiedade e medo e então eles combinaram de todos os dias treinar a fala de Lua;
Quadro 7: Depois de 2 anos treinando sem parar, Lua fez vários amigos;
Quadro 8: E eles acabaram ficando juntos.
(grifos nossos. Produção aluna 8º ano – DC N°33, 3 de mai. de 2023)

Na produção podemos observar a importância do coletivo, da aceitação e das novas formas de expressão e elaboração frente a uma demanda. Aqui o problema de comunicação não foi resolvido com a exclusão ou a violência e sim com o acolhimento e reflexões sobre essas novas formas de expressão. Se a personagem inicialmente não conseguia se comunicar de forma oral, então que tal começar pela forma escrita?

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia da Covid-19 revelou os efeitos perversos dentro da área da educação, entre eles as vivências referentes as violências e as diferenças. Considerando que um dos papéis do psicólogo escolar é criar espaços e ações de “promoção da conscientização de papéis, funções e responsabilidades dos participantes das complexas redes que permeiam os contextos educacionais” (Marinho-Araújo et al., 2023, p. 23), esse trabalho propôs intervenções, utilizando animes como materialidades mediadoras, que buscassem reflexões sobre essas temáticas emergentes da vivência da Covid-19.

Dentre os diversos resultados, observamos que o trabalho com animes, concomitante com atuação profissional, conseguiu ajudar os adolescentes a pensar novas formas de entender e elaborar os conceitos e atravessamentos sobre a violência e seus desdobramentos. O trabalho também reforçou a importância da atuação integrada no contexto escolar, acreditando que o conhecimento possibilita ressignificação e mudança, favorecendo assim o desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA CÂMARA DE NOTÍCIAS. **Pandemia de Covid-19 deixou as crianças mais vulneráveis à violência, dizem especialistas**. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/862757-pandemia-de-covid-19-deixou-as-criancas-mais-vulneraveis-a-violencia-dizem-especialistas/>>.

ARINELLI, G. S. “**A nossa voz importa**”: promovendo a capacidade de ação de adolescentes do Ensino Médio público. Tese de Doutorado—Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2022.

BRASIL. **LEI Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 - Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. , 1996. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>

BRASIL. **LEI Nº 13.935, de 11 de dezembro de 2019 - Dispõe sobre a prestação de serviços de psicologia e de serviço social nas redes públicas de educação básica**. , 2019.

CARVALHO, R. M. DE A. F. **Animes e Mangás Mobilizando Afetos e Imaginação na escola**. Dissertação—Campinas: Pontifícia Universidade Católica, 2023.

CARVALHO, R. M. DE A. F.; SOUZA, V. L. T. DE. Animes e Mangás na Escola: Atuações Críticas da Psicologia escolar. **Mutações**, v. 15, n. 25, p. 111–123, 2023.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Violência e Preconceitos na Escola: Contribuições da Psicologia**. Cuiabá: [s.n.].

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. **Resolução nº 510 de 07 de Abril de 2016**. Disponível em: <https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/22917581>.

FÓRUM SEGURANÇA. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública - A violência contra crianças e adolescentes na pandemia: análise do perfil das vítimas.** Disponível em: <<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/07/13-a-violencia-contras-criancas-e-adolescentes-na-pandemia-analise-do-perfil-das-vitimas.pdf>>. Acesso em: 18 dez. 2023.

FUCHIGAMI, M.; HATTA, Y. **Ousama Ranking.** Funimation e Wit Studio, , 2021.

G1. **“Estou me lixando para esse pessoal”, diz Bolsonaro sobre movimento gay.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2011/03/estou-me-lixando-para-esse-pessoal-diz-bolsonaro-sobre-movimento-gay.html>>.

G1. **Bolsonaro pede desculpas por declaração homofóbica; relembre outras vezes em que se desculpou após falas polêmicas.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/10/30/bolsonaro-se-desculpa-por-declaracao-homofobica-relembre-outras-vezes-em-que-se-desculpou-apos-falas-polemicas.ghtml>>.

GUZZO, R. S. L. Educação para a Liberdade, Psicologia da Libertação e Psicologia Escolar: uma Práxis para a Liberdade. Em: **Psicologia Escolar: Ética e competências na formação e atuação profissional.** Campinas, SP: Alínea, 2017. p. 169–178.

HORIKOSHI, K. **Boku no Hero Academia.** [s.l.] Shounen Jump (Weekly), 2014.

INSTITUTO GERAÇÃO AMANHÃ. **Violência contra as crianças na pandemia.** Disponível em: <<https://geracaoamanha.org.br/violencia-contras-criancas-na-pandemia/>>.

KAWAGOE, K.; WATANABE, A. **Komi san wa Comyushou desu.** TV Tokyo, Dentsu, Shogakukan-Shueisha Productions, Half H.P Studio, Nippon Columbia e OLM, , 2021.

LI, H. **Shiguang Dailiren.** bilibili, BeDream, Funimation e LAN Studio, , 2021.

MAREONLINE. **Linguagem neutra: mais inclusão e diversidade para todos.** Disponível em: <<https://mareonline.com.br/linguagem-neutra-mais-inclusao-e-diversidade-para-todos/>>.

MARINHO-ARAÚJO, C. M.; TEIXEIRA, A. DE M. B.; CAVALCANTE, L. Lei 13.935/2019: histórico, limites e potencialidades para a Psicologia Escolar. Em: MARINHO-ARAÚJO; TEIXEIRA, A. DE M. B.; CAVALCANTE, L. (Eds.). **Psicologia escolar: atuação profissional e a Lei 13.935/2019.** Campinas: Alínea, 2023. p. 5–12.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **COVID-19 no Brasil.** Disponível em: <https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html>.

NAGASAKI, K. **Boku no Hero Academia.** Funimation, , 2016.

NEVES, M. A. P.; SOUZA, V. L. T. DE. Música e psicologia na escola: mobilizando afetos na classe de recuperação. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 22, n. 1, p. 17–25, abr. 2018.

O GLOBO. **Bolsonaro faz ataque homofóbico e diz que linguagem neutra “estimula a molecada a se interessar por essa coisa”**. Disponível em:

<<https://oglobo.globo.com/brasil/bolsonaro-faz-ataque-homofobico-diz-que-linguagem-neutra-estimula-molecada-se-interessar-por-essa-coisa-25309138>>.

ODA, T. **Komi san wa Comyushou desu**. [s.l.] Shounen Sunday, 2016.

PROGRAMA DE REDUÇÃO DA VIOLÊNCIA LETAL (PRVL). **Guia Municipal de Prevenção da Violência Letal contra Adolescente e Jovens**. Disponível em:

<https://prvl.org.br/wp-content/uploads/2013/10/GuiaPRVL_.pdf>.

SOUZA, V. L. T. DE. Educação, Valores e Formação de Professores: Contribuições da Psicologia Escolar. Em: MARINHO-ARAÚJO, C. M. (Ed.). **Psicologia Escolar: novos cenários e contextos de pesquisa, formação e prática**. Campinas, SP: Alínea, 2009. p. 133–151.

SOUZA, V. L. T. DE et al. O Psicólogo na Escola e com a Escola: A parceria como forma de atuação promotora de mudanças. Em: RAQUEL DE SOUZA LOBO GUZZO (Ed.). **Psicologia Escolar Desafios e Bastidores na Educação Pública**. Campinas, SP: Alínea, 2014. p. 27–54.

SOUZA, V. L. T. DE. Arte, Imaginação e desenvolvimento humano: aportes à atuação do Psicólogo na escola. Em: DAZZANI, M. V.; SOUZA, V. L. T. DE (Eds.). **Psicologia escolar crítica: teoria e prática nos contextos educacionais**. Campinas: Alínea, 2016a. p. 77–93.

SOUZA, V. L. T. DE. Arte, Imaginação e Desenvolvimento Humano. Em: DAZZANI, M. V.; SOUZA, V. L. T. (Eds.). **Psicologia Escolar Crítica: Teoria e Prática nos Contextos Educacionais**. Campinas, SP: Alínea, 2016b. p. 77–93.

SOUZA, V. L. T. DE. Art and Science Advancing Human Understanding: Epistemological and Methodological Foundations. Em: ARINELLI, G. S.; SOUZA, V. L. T. DE (Eds.). **Qualitative Research and Social Intervention: Transformative Methodologies for Collective Contexts**. [s.l.] IAP Publishing, 2021. p. 17–36.

SOUZA, V. L. T. DE; ARINELLI, G. S. A dimensão revolucionária do desenvolvimento e o papel da imaginação. **Revista Obutchénie**, p. 1–22, 14 nov. 2019.

SOUZA, V. L. T. DE; PETRONI, A. P.; ANDRADA, P. C. DE. **A Psicologia da Arte e a Promoção do Desenvolvimento e da Aprendizagem**. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2016.

TOOKA, S. **Ousama Ranking**. [s.l.] MangaHack, 2019.

UNESCO - ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A C. E A C.
Violência escolar e bullying: relatório sobre a situação mundial. Disponível em:
<<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000368092>>.

VIGOTSKI, L. S. Quarta Aula: a questão do meio na pedologia, Lev Semionovich Vigotski.
v. 21, n. 4, p. 681–701, 2010. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642010000400003>

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e Criatividade na Infância**. [s.l.] Martins Fontes, 2014.

Submetido: 01/02/2024

Aprovado: 19/04/2024